

XII SEMANA DE HISTÓRIA
A REPRESENTAÇÃO DE SÓCRATES ENQUANTO FILÓSOFO IDEAL NA OBRA *DE DEO
SOCRATIS*, DE APULEIO DE MADAURA (SÉCULO II D.C.)

Edjalma Nepomoceno Pina¹

A presente comunicação consiste em breves apontamentos sobre a atuação sofística de Apuleio de Madaura no norte da África. Ao fim da comunicação, espero tornar evidente o caráter sofisticado do discurso filosófico *De Deo Socratis*, e como podemos tê-lo como um exemplo de como o movimento cultural denominado Segunda Sofística reverberou nas cidades romanas do norte da África.

Apuleio foi um filósofo, orador, sacerdote e homem público que viveu e atuou nas cidades da África proconsular. Proveniente da aristocracia cidadina de Madaura, Apuleio logo se despediu de sua terra natal para dar continuidade a seus estudos em centros do conhecimento, como Cartago, Atenas e Roma. Ao fim de suas viagens, Apuleio se tornou um filósofo fortemente influenciado pelo médio-platonismo do século II, tal como o esoterismo dos cultos orientais que continuavam a se disseminar pelo Império. Sua filosofia e religião, em conjunto com a moral romana provinda da *paideia*, foram os pólos que orientaram seus escritos e discursos (LIMA NETO, 2016; HARRISON, 2000).

No Império do século II, os filósofos encontravam pouco, senão nenhum suporte por parte do Estado romano. No geral, os professores de retórica eram aqueles que realmente recebiam financiamento público, além de certas imunidades em relação a suas obrigações enquanto cidadãos. Isso ocorria devido ao modo como os romanos tendiam a se relacionar com a filosofia, privilegiando os aspectos mais práticos, como a boa oratória, necessária ao homem público. Em certa medida, os debates filosóficos mais profundos eram vistos como desconectados da realidade. Nesse contexto, os filósofos buscavam a sobrevivência como educadores das elites e estabelecendo relações de amizade nos círculos aristocráticos (HAHN, 2011, p. 130-135).

Após concluir sua formação, Apuleio teria se dedicado a uma vida de filósofo itinerante, realizando conferências em diversas cidades do norte da África romana, até se fixar na cidade de Cartago por volta do ano 160. Nessa cidade, acredita-se que tenha obtido posição de prestígio no

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo sob orientação do Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção ES.

círculo aristocrático, tornando-se um magistrado e orador de prestígio na capital provincial. Cartago era, no século II, a principal cidade da África Proconsular. Sede do procônsul da província, acumulava também o *status* de principal centro econômico e lar da mais destacada elite da região (MAHJOUBI, 1985, p. 500-510). Nesse sentido, pode-se considerar cidades como Cartago como local privilegiado para ascensão social, seja por meio do comércio, seja ao estabelecer relações de amizade política como figuras destacadas dos círculos aristocráticos.

Durante esse período o autor realizou apresentações públicas em Cartago, dentre elas o discurso *De Deo Socratis*. Apuleio compreendia a potencialidade da união entre retórica e filosofia. Segundo o autor, o estudo da filosofia deveria proporcionar “tanto uma admirável oratória quanto uma admirável vida” (FLORIDA, XVI). Nesse sentido, pode-se pensar em Apuleio como um exemplo, dentre tantos outros, de indivíduo que utilizaram a erudição como estratégia de promoção social nas cidades romanas. Ainda que o estudo aprofundado da filosofia não fosse algo almejado por grande parte da elite, aqueles que dedicaram anos a essa formação eram vistos com admiração e respeito. Esse prestígio acompanhava, principalmente, aqueles que realizavam visitas a centros intelectuais fora de sua terra natal. A quantidade de recursos necessária na realização dessas viagens era tamanha que automaticamente imprimia um status prestigioso em quem tinha condições de realizá-las (HANN, 2011, p. 132-134).

Autores como Stephen Harrison (2000) defendem que a atuação de Apuleio de África deve ser entendida como ligada ao movimento da Segunda Sofística, que foi um amplo movimento de retomada da memória da Grécia clássica, conhecido como “renascença grega no império romano”. Por meio da análise principalmente dos recursos linguísticos e literários do corpus Apuleio, Harrison interpreta Apuleio como um sofista latino interessado na transmissão dos princípios da Segunda Sofística para um público do norte da África falante de latim. A abordagem de Harrison teve inspiração na obra *The Greek world of Apuleius*, de Gerald Sandy (1997). Em seu livro, Sandy interpreta o fato de Apuleio ser o último escritor clássico a produzir obras filosóficas em latim como indício de que o autor seria, em seu tempo, um “tradutor” da cultura do oriente helênico para o ocidente. A associação de Apuleio com o movimento sofista já vinha de longa data, remontando a publicação da obra *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the roman empire*, por Graham Anderson (1993). Em seu livro, Anderson realizou análise minuciosa das estratégias retóricas, estilísticas e estéticas dos gregos pertencentes a assim chamada Segunda Sofística. Dentre esses personagens que viajavam e

discursava pelas cidades do Império Romano, o autor inclui Apuleio, que mesmo sendo africano teria buscado integrar-se as tendências sofisticas.

Os sofistas eram conhecidos pelo domínio da oratória voltado para o entretenimento. Temos três aspectos principais acerca desses indivíduos: (1) viagens pelo império; (2) acumulação de prestígio nas cidades por onde passa e (3) transmissão de valores em seus discursos, assumindo um caráter quase pedagógico. Tal caráter pedagógico pode ser notado no discurso *De Deo Socratis*.

De Deo Socratis, por seu estilo oratório e argumentativo pode ser enquadrado como um discurso filosófico, pronunciado em Cartago na década de 160 (HARRISON, 2000, 136- 138). Nesse texto Apuleio expressa sua interpretação sobre o mundo sagrado e qual seria o modo correto de se viver para alcançar o favor dos deuses. É defendida a existência de seres popularmente conhecidos como *daemones*, entidades espirituais responsáveis por intermediar a relação dos mortais com as verdadeiras divindades.

O argumento central do autor reside na figura de Sócrates, mais precisamente na forma como esse filósofo teria ascendido espiritualmente por meio da filosofia e estabelecido conexão com seu *daemon* pessoal. *Grosso modo*, podemos dividir o discurso em dois momentos: no primeiro, busca-se classificar as divindades entre seres supremos inalcançáveis e as divindades transitórias, que ouve as preces humanas, que seriam os *daemones*. No segundo momento Apuleio discorre sobre as práticas filosóficas de Sócrates e sua vida ideal, pautada na humildade, erudição e moralidade. Segundo o autor, dedicar-se a filosofia platônica é cultivar a alma, o que levaria ao contato com o *daemon* pessoal.

O que é defendido na presente comunicação é que Apuleio utilizou da memória acerca do renomado filósofo Sócrates para legitimar sua religiosidade e defender valores da elite romana ao seu público, educando, o povo da cidade. O autor aponta que o único modo de cultivar os *daemones* e se relacionar com o sagrado é agindo como Sócrates e, como resultado, inspirando-se em Apuleio, um de seus “herdeiros” intelectuais.

O elogio a Sócrates é realizado utilizando de técnicas de persuasão bem conhecidas e estudadas desde a Antiguidade. Esse conjunto de técnicas tem o nome de retórica. Como já dissemos, os sofistas eram mestres da retórica. O gênero epidítico, no qual o discurso analisado se enquadra, é definido por Aristóteles como voltado para o elogio ou a censura. Tem como tática a mobilização da ideia de *virtude* e de *vício*, do *belo* e do *feio*, como meio de persuasão da

plateia. Aristóteles já adiantava algumas virtudes mais valorizadas: justiça, coragem, temperança, magnificência, magnanimidade, liberalidade, mansidão, prudência e sabedoria.

Ao longo de *De Deo Socratis*, Apuleio atribui a Sócrates qualidades como *virtuoso*, *sábio* e *erudito*. São valores que, sob o peso da figura de Sócrates, são transmitidos de maneira quase pedagógica para audiência. Por meio da representação, Apuleio distingue virtude de vício. Em relação àqueles que negligenciam seus ensinamentos, o autor não hesita em classificá-los como “multidão profana de não iniciados em filosofia, desprovida de caráter sagrado, privada da verdadeira razão, pobre de práticas religiosas, incapaz no alcance da verdade [...]” (*De Deo Socratis*, III).

Segundo Norbert Elias e John Scotson (2000), grupos detentores dos mecanismos de poder dentro de uma sociedade comumente constroem sua auto-imagem com base em qualidades superiores. Os autores definem essas qualidades auto-atribuídas com o conceito de *carisma*. Acredito que, para Apuleio, a filosofia seja o centro dessa imagem carismática que o autor atribui aos filósofos como Sócrates e, como consequência, a si mesmo. A figura do censurado, daquele que não segue o exemplo, serviria como uma oposição para demarcar a identidade filosófica. As identidades são construídas em contraste com a diferença, a alteridade ou o “outro”. Nesse sentido, o indivíduo ou certa coletividade percebe a própria identidade diferenciando-se dos demais por meio do discurso e de símbolos. Entretanto, as identidades não são construídas harmonicamente, pelo contrário, são impostas e disputadas por agentes diversos (SILVA, 2004).

Desse modo, defende-se que além de educar a comunidade cívica de Cartago, Apuleio também indica os principais detentores de tais virtudes: o filósofo. O filósofo seria, então, além de um indivíduo virtuoso, seria também o mortal mais próximo dos deuses. Em determinado momento, Apuleio questiona: “por que não nos despertamos, nós mesmos, para o exemplo e para recordação de Sócrates e nos lançamos, pela segunda vez, ao estudo da filosofia, tomando cuidado de ser iguais aquela divindade, como ele foi?”. Ou seja, imergir na filosofia é imergir no sagrado, sobrepondo-se aos indivíduos comuns.

Cabe ressaltar outro recurso comum em um discurso epidítico: a amplificação ou exagero de alguma prática do elogiado, de modo a causar admiração por parte da audiência. Nas palavras de Apuleio, Sócrates seria “sábio pelas virtudes e, sobretudo, um erudito tanto quanto é permitido ao homem, sábio e de bom conselho: enfim, isso não é herdado do pai nem depende do

acaso nem está limitado pelo sufrágio, nem é frágil no corpo e nem variável pela idade. o meu sócrates teve todos os estes méritos; por isso, considerou desprezível ter os outros”. A sabedoria de sócrates é, deste modo, ampliada ao máximo a ponto de qualquer outra característica ser irrelevante. O elogio assume também a forma de conselho. Afinal, se Sócrates alcançou demasiado sucesso por meio da filosofia, é aconselhável que todos assumam postura semelhante.

Conclui-se a apresentação destacando a potencialidade do discurso *De Deo Socratis* para se pensar a posição política de Apuleio em Cartago. Além de um atestado de sua filosofia, esse deve ser pensado como fruto da atuação ativa de Apuleio na construção de sua imagem pública, uma vez que busca colocar os filósofos platônicos como superiores moralmente aos demais indivíduos e passíveis de serem verdadeiros instrutores religiosos das cidades. A grande questão não seria se Apuleio deve ou não ser classificado como um Sofista, mas sim, até que ponto sua filosofia é apresentada sob uma performance sofística de modo a servir a um fim político de afirmação social.

Referências

APULEIO. *Sobre o deus de Sócrates*. Tradução de Luiz Karol. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado, 2016.

APULEIUS. *The Apologia and Florida of Apuleius of Madaura*. Translated by H. E. Butler. Oxford: Clarendon Press, 1909.

APULEYO. *Obra filosófica*. Introducción, traducciones y notas de Cristóbal Macías Villalobos. Madrid: Gredos, 2011.

LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia: o caso da estigmatização de Apuleio na África romana (séc. II d.C.)*. Curitiba: Prismas, 2016.

HARRISON, S. J. *Apuleius: a latin sophist*. New York: Oxford University Press, 2000.

MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do norte. In: MOKHTAR, G. *História geral da África*. São Paulo: Ática, 1985, p. 473-509.

HAHN, J. Philosophy as socio-political upbringing. In: PEACHIN, M. (Ed.). *The Oxford handbook of social relations in the roman world*. Oxford: Oxford University, 2011, p. 119- 143.

SANDY, G. *The greek world of Apuleius*. New York: Brill, 1997

ANDERSON, G. *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*.
London: Routledge, 2005.

ELIAS, N. SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Zahar, 2000.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. dá (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.